

GRUPOS DE BANDIDOS ^{N. 12/2/81 p.1} **SÃO ARMADOS PELA ÁFRICA DO SUL** _{lead}

— confirmam declarações de elementos que recentemente se entregaram às nossas autoridades

Desde a queda do regime ilegal rodesiano, os grupos de bandidos que actuam ainda no nosso País têm sido armados e abastecidos pela África do Sul. Esta informação foi confirmada, uma vez mais, por declarações feitas aos órgãos de Informação nacionais por elementos desses grupos que recentemente se entregaram às nossas autoridades. Das declarações ressalta também que, mesmo antes da independência do Zimbabwe, o regime minoritário de Pretória já estava profundamente envolvido nas actividades de banditismo no interior de Moçambique.

«Há muito que queríamos fugir, mas não tínhamos tido oportunidade. Ali, não tínhamos qualquer perspectiva, só podíamos esperar a morte». Esta declaração de Orlando Júlio Inácio, de 27 anos, antigo «comandante de companhia» dos grupos de bandidos utilizados pela África do Sul contra o nosso País, resume o pensamento de muitos outros elementos

desses bandos que, como ele, têm vindo a entregar-se às nossas forças de Defesa e Segurança.

Orlando Júlio Inácio é natural do Chinde, Zambézia, e trabalhava, até fins de 1978, na APIE da Beira. Por essa altura, atravessou ilegalmente a fronteira com a Rodésia do Sul, «em busca de aventuras» — segundo declara. Sempre de acordo com as de-

clarações que recentemente prestou à Informação nacional, ele foi para a Rodésia na companhia de um outro jovem moçambicano. Passada a fronteira, foram capturados pelas forças de segurança do regime ilegal de Ian Smith, que os interrogaram e mais tarde os enviaram para os campos de treino onde recebiam preparação militar os traidores e bandidos utilizados pelo regime para atacar o nosso País.

Nas forças especiais rodesianas, o nosso entrevistado fez uma carreira rápida: terminado o treino militar, foi escolhido para «instructor»; mais tarde, introduzido no nosso País, esteve no acampamento da Gorongosa, depois destruído pelas nossas forças, e foi promovido a «chefe de secção»; depois foi «adjunto» e finalmente «comandante de companhia». Explica esta promoção rápida pelo facto de ter alguma instrução e «nunca ter arranjado problemas». Mesmo assim, não estava satisfeito e fugiu. Porquê?

(Continua na pág. 4)

porque fugiu, Orlando Inácio? — foi a questão que lhe pusemos. Respondeu:

«Desde a independência do Zimbábue que a situação se tornava insustentável. Passámos então a ser abastecidos por aviões sul-africanos, mas o abastecimento era irregular. Depois da destruição do acampamento de Sitatonga pelas FPLM, e até eu fugir, não vieram mais aviões».

O retrato que Orlando Júlio Inácio fornece de si próprio é o de um indivíduo despolitizado. Segundo conta, «teve problemas» na APIE da Beira, onde trabalhava, e então resolveu ir para a Rodésia com um amigo, e aí procurar um novo trabalho. Sabia que o regime rodésiano, para nós, representava o inimigo, mas mesmo assim, foi. Recrutado pelos serviços especiais rodésianos, reentra em Moçambique para lutar contra o seu próprio povo e alcança mesmo várias «promoções» dentro desses grupos de bandidos. Não suporta, no entanto, as condições difíceis em que esses grupos ficam depois da queda de Smith e acaba por entregar-se às nossas forças: «Não me entreguei mais cedo porque tinha medo de ser morto. Era o que nos diziam lá, que seríamos mortos se nos entregássemos. Mas depois ouvimos através da Rádio Moçambique que não era assim e resolvemo-nos a fugir. Juntamente comigo fugiram mais cinco, que também se entregaram às FPLM».

«A RUA ARAÚJO AINDA ESTÁ ABERTA?»

Pietro Constantino Perino, de 24 anos, natural de Caldas Xavier, Província de Tete, é o amigo de Orlando Inácio que com ele foi para a Rodésia em 1978 — e com ele também fugiu e se entregou às nossas autoridades, em fins do ano passado. A sua história não difere muito da que ouvimos do primeiro.

«Mal atravessámos a fronteira fomos presos» — declarou. «Na polícia, fizeram-nos muitas perguntas, entre as quais se ainda havia camarão em Moçambique e se a Rua Araújo ainda estava aberta. Depois, apareceu um senhor português chamado Chico que nos levou para o campo de treino num lugar chamado Hodzi, perto de Untali. Ai chegados, avisaram-nos de que se tentássemos fugir nos poriam com um metro de terra por cima. Soubemos também, mais tarde, que esse senhor Chico estivera no massacre de Nyazônia».

Depois de receber treino militar, a primeira missão do nosso entrevistado foi na Província de Tete, zona de Chioco. Missão fracassada, no entanto: «Quase ninguém conhecia a zona e o povo não nos apoiava. Por outro lado, as FPLM perseguiam-nos.



Orlando Júlio Inácio

Acabámos por regressar à Rodésia com um ferido, sem termos feito nada».

Mais tarde, Pietro Perino foi introduzido de novo em Moçambique com um grande grupo armado que procurou instalar uma base permanente na Gorongosa. Já nessa altura se previa a queda iminente do regime rodésiano e a África do Sul procurava encontrar uma base alternativa para os grupos que levam a cabo acções de banditismo.

— E que tipo de acções fazia o vosso grupo no interior de Moçambique? — perguntámos.

«Uma vez, por exemplo, queimámos dois camiões na estrada Tete-Chimoio, de outra vez um machimbombo, onde capturámos alguns jovens que levámos connosco. Na estrada que leva à Gorongosa, quer-



Pietro Constantino Perino

mámos um carro da SEMSO e levámos o condutor, que mais tarde veio a fugir. Também assaltámos uma Loja do Povo».

O relato prossegue: «Quando nos instalámos na Serra da Gorongosa, para montar a base, vinham connosco quatro ingleses, que eram rendidos de mês a mês. A sua missão era receber os helicópteros que nos vinham abastecer. Mais tarde chegaram outros ingleses, que eram instrutores».

Estranhámos o termo «ingleses» e ele explicou: «Chamávamos-lhes assim porque falavam inglês. Na realidade eram rodésianos e sul-africanos».

— E de onde vinha o material? Como vinha para o interior de Moçambique? — foi a pergunta seguinte.

«Antes da Independência do Zimbábue, vinha de helicóptero da Rodésia. Depois, passou a vir da África do Sul. Vinha em aviões «Dakota» e

era lançado de pára-quadras. Também vinham helicópteros, mas não para trazer material, só para desembarcar os instrutores sul-africanos».

Pietro Perino acrescenta: «Mais tarde começámos a deslocar-nos para o sul, com o objectivo de nos aproximarmos da fronteira sul-africana e podermos ser abastecidos por terra. Os pilotos sul-africanos começaram a ter medo, e além disso depois da destruição de Sitatonga pelas FPLM já não tinhamos base para recebermos o material».

Que motivo o levou a fugir? — Foi outra pergunta que lhe fizemos e a que respondeu: «Vinhamos constantemente a ser atacados pelas FPLM e tínhamos já sofrido muitos mortos. Além disso, ninguém sabia ao certo porque estava ali a lutar. Simplesmente recebíamos ordens para isso. Assim, da primeira oportunidade, fugimos e viemos entregar-nos às FPLM».

UM COMISSÁRIO SEM POLITICA

As histórias de Henrique Fabião Siteo e de José Martins Gilberto — outros dois elementos que se entregaram às FPLM — não diferem muito das anteriores, excepto num aspecto: Eles foram capturados pelo exército rodésiano durante o ataque efectuado ao centro de reeducação de Sacuze, em 1979, onde se encontravam por delitos de direito comum.

Henrique Siteo é natural de Chonguene, Gaza, e tem 28 anos de idade. Nos grupos de bandidos, ele tinha o posto de «comissário político». Como obteve esse posto? E ele próprio que esclarece:

«Um dia, o comandante do grupo voltou de helicóptero da África do Sul e disse que os sul-africanos o tinham criticado porque ele não nomeava quadros, o único quadro era ele. Então, ele chegou ao pé de mim e disse: A partir de agora passas a ser comissário político. Outros também foram nomeados quadros na mesma altura, com outras funções».

— E qual era a sua política, como comissário político? — Perguntámos.

«Bem, eu não tinha nenhuma política, porque não tinha sido preparado, não tinha livros. Aliás eu não queria estar ali, fui levado à força do Sacuze».

— Mas como é que explica que, mesmo assim, tenha sido designado para esse lugar? — insistimos.

«Penso que foi porque eu tinha alguns estudos, sabia ler e escrever, e além disso por eu ser do sul. Lá existe muito tribalismo, e as pessoas que não são da mesma tribo do comandante geralmente fogem. Então, eles davam pequenas responsabilidades a essas pessoas, para elas não fugirem. Penso que foi por isso que me nomearam».

Fizemos outra pergunta: — E sabe de onde vinham as armas e os abastecimentos, desde a independência do Zimbábue?

Henrique Siteo respondeu: «Vinham de avião, e diziam-nos que era da África do Sul. Devia ser verdade, porque vinham sempre cigarros sul-africanos. E os responsáveis também traziam dinheiro sul-africano no bolso».

O outro elemento entrevistado José Martins Gilberto, é natural de Mafalala, Maputo, e tinha especialidade de operador de rádio. Tem 26 anos de idade e a 3.ª classe como habilitações literárias. Além de treino militar geral, na Rodésia, recebeu mais um mês de treinamento como operador. Esteve também na Serra da Gorongosa, em Sitatonga e depois mais para o sul, onde fugiu.

Antes de ir para o centro de Sacuze, trabalhava nos Caminhos de Ferro da Beira, de onde foi expulso por mau comportamento. Mais tarde, foi preso pelo assalto a uma loja, e enviado então para a reeducação.

Perguntámos-lhe com quem comunicava, como operador de rádios, enquanto esteve nos grupos de bandidos. Resposta:

«Primeiro com a Rodésia. Depois, com a África do Sul. Era com a



Henrique Fabião Siteo

África do Sul que se faziam todas as comunicações. E era de lá que vinham as armas».

Ele confirmou também: «Os grupos vinham a avançar para o sul para serem abastecidos por terra a partir da República Sul-Africana. A África do Sul tem um campo militar em Gazanculo, perto da fronteira moçambicana, e é daí que vem o material. É lá a base dos grupos de bandidos».



José Martins Gilberto